

Eu morava na roça.

E na roça tinha rio? Como é que era lá?

Tinha rio, muita ladeira, muita árvore. Ondé que eu morava, tinha muita criação, ... de gado, porco, tinha animais, esse tipo de animais.

O rio, como era a relação com o rio? Vocês tomavam banho, tomavam água, nadavam?

Nadava, tomava banho, que era água corrente. Quando chovia, enchia, dava enchente, depois o tempo foi passando e foi secando a água do rio. Então quando a gente, quando foi no fim da época pra cá, a gente ficava abrindo cacimba pra pegar água no fundo, na areia. Mas agora, graças a Deus, tá bom porque o pessoal que tá lá já colocou água encanada, né? Puxaram das cabeceiras, então não tem aquela dificuldade que nós tinha antes, não.

Quando a gente veio de lá pra cá, ... bom, quando eu vim de lá pra cá eu morei em Sertãozinho, fui cortar cana, **ralhar?** algodão, chacoalhar amendoim, de lá eu vim parar aqui.

Veio parar como? Por que que você veio pra cá?

Porque...procurando melhor né, porque quando eu sai de lá eu fui pra pior, né? Porque lá eu fui pra trabalhar pesado. Eu saía 2 horas da manhã pro serviço, chegava só 7 horas da noite. E de lá eu vim pra cá. Agora depois que eu cheguei aqui eu fui trabalhar na roça lá na Monte d'Este, apanhar café, **ralhar** algodão, aí depois meu marido arrumou um serviço e eu peguei e fui trabalhar de doméstica.

Lá vocês jogavam lixo no rio?

Não, num tem como.

Por quê?

Porque lá a gente trabalhava na roça e quando a gente moía a cana no engenho, aqueles bagaço, palha de milho e... é... aquele tal de café, então a gente deixava, a gente virava a terra nele então ficava pro outro ano pra grudo na terra, pra gente plantar de novo.

E mercado tinha lá, vocês compravam coisa industrializada?

Bom, mais a gente vivia da roça, né? O que a gente comprava dos mercado era macarrão, era banha, né? E arroz, o resto era tudo da roça.

E lixo de banheiro essas coisas ia pra onde?

Não, lá era mais é fossa. Lá não tinha como não, tudo é fossa. Agora aqui, é um pouco diferente.

Quanto tempo faz que você tá aqui, quando que você chegou?

Eu vim pra cá em 82. De 82 que eu tô aqui, em 83 eu entrei de secretária mais o Bastião, fui secretária com ele, fiquei 7 anos, depois de 7 anos eu entrei como presidente e tô até hoje. Foi ficando, foi de 1990 que deu aquela chuva forte a gente já vem pelejando com esse pessoal pra arrumar moradia digna, então, eu não sabia de nada, então eu fui procurar a dona Ginalva que ela que foi a minha ... o meu caminho, né? Que sempre ela falava que tinha que procurar fulano e fulano, onde que você tem que conversar, qual é o setor que você vai conversar. Então eu fui conversando e pedindo, depois eu pedi, quando dava chuva que te carregava tudo, tudo, então eu ia lá atrás dos vereador, ia atrás das secretaria, né? Pra pedir telha, pedi tauba pro pessoal arrumar os barraco. No outro ano seguinte era a mesma coisa, né? Acabava com tudo, né? Então, que nem antes, de 1990 pra cá de quanta gente já foi embora nesse rio? Quanta despesa que o pessoal comprou que já foi embora, já foi destruída, né? Quantos barraco já foi destruído? E a gente pedindo sempre, direto, a mudança dessas pessoas pra uma mudança de..., dar uma melhoria pra eles, dar moradia digna, então a gente... a presidente era eu, dona Ginalva, a Creuza, que morava lá embaixo, seu Zé, a gente juntou uma comunidade assim, um conjunto, pra pedir a moradia. Que essa moradia que tá sendo feita agora, num é d'agora, já faz muito tempo, né? Que agora lá fala que vai ... agora deu continuidade. Porque a gente vê o que já passou aí e a gente tirar, ... que nem eu lutei com uma mulher aí, a dona Rosa, né dona Ginalva, que eu tirei a muié aí com a água dando na boca, tirei pra colocar na casa da vizinha. No outro dia, eu fui lá conversar com a assistente social, dona Ginalva mandou uma perua, né? Pedi a perua lá ao amigo dela lá, pra vim pegar essa mulher pra trazer pra área dela, que daí ela... ela tratou dela até ela melhorou a ferida que ela tava na perna e depois levou ela lá pra Ribeirão Preto.

Ela tinha bebido água?

Não, ela tinha problema na perna. E lá ela não podia ficar porque lá ela tinha, ela era de idade. E ela não tinha parente nenhum aqui, quem ficou sendo parente mesmo mais foi a dona Ginalva.

Quando você veio pra cá quantas pessoas tinha?

Ah, tinha poca pessoa. Tinha poça, poça ... o que tava aqui era Bastião, e a mãe de Davi, que morava aqui, e Davi, da dona Jéssica, três, e seu Geraldo.

Não era uma favela?

Não, aqui não tinha. Aqui era um pichão, nas época todo mundo chegava com aquele resto de pichão que sobrava e jogava lá dentro por isso que é nome de pichão, tudo que sobrava jogava lá, né. Tinha poca gente.

O que sobrava o quê?

Sobrava pincho. Do asfalto, eles vinham e jogava aqui dentro, por isso que veio esse nome de Pichão. Mas só que não é brincadeira, nós já vem lutando sobre isso, sobre essa moradia.

E tinha muita árvore aqui?

Tinha muita árvore. Aqui era um capial, capim. Inclusive essas árvores que tá plantada aqui na bera de fora a fora foi a prefeitura que plantou. Né? Inclusive, tenta cortar, uns já tira, mas não pode porque a prefeitura falou que dá até cadeia, não pode cortar essas árvores, porque foi, é plantio a prefeitura, né?! Então a gente tá lutando.

E eu só acredito que também, eu não tenho vergonha de falar e nem medo, porque eu só acredito que isso aqui vai acabar se tirar todos os morador. Que se tirar 200 e ficar 100, ou poucos, volta tudo pra casa dos parentes e volta tudo de novo. Porque eu falo, por quê? Porque minha filha ta lá, e ela tá achano bom. Mas só que ela foi retirada de um lugar que tava no alto, não tava muito na bera da valeta. Então quando for tirar eu acho que tem que tirar eles. Se é uma moradia digna, tem que dá moradia digna pra todos. Que eu acho que não tem ninguém mió que ninguém. Minha proposta é essa toda a vida. Que sempre a gente tá na prefeitura e sempre eles fala: “ó gente, na área de risco não é pra ficar gente nenhuma, não pode”. Encosta de barranco, a defesa civil tava com nós, quando tava filmando, filmando lá e conversando, tava lá o engenheiro, quando ele tava lá caiu um metro de terra. Ele falou: “ó, a gente ta falando, a gente ta gravando e ta tirando o foto do metro que tirou”. Então pra mim acreditar que vai acabar e fazer limpeza nesse rio como foi falado que vai sair avenida, eu acho que tem que trabalhar em conjunto, em conjunto.

Já houve ocupação outras vezes?

Teve, teve o pessoal que saiu, foi pro Floresta, chegou em Floresta não pôde pagar a prestação que foi subindo, subindo, voltou tudo de novo, tá tudo aqui dentro. Eu falo que eu tenho conhecido eu tenho parente que foi voltou e tá aqui dentro, né? Então por isso que a gente fala “gente, vamo trabalhar”, trabalhar honesto. Se vai fazer um serviço eu acho que tem que fazer um serviço digno.

Então você acha que não vai adiantar?

Não vai adiantar. Se não começar, tirar e acabar, dar continuidade, não vai adiantar. Mas eu creio que a lei tá aí pra fazer isso, eu creio que do jeito que eles tá trabalhando eu vou vê se... não sei não né, mas... eu tô entregando na mão de Deus e acreditando Nele lá em cima.

Daqui uns 30 anos, o que que você imagina que vai tá?

Ó, se eles começar, se eles continuar do jeito que eles tá começando, eu vou acreditar, agora se dá uma parada eu não acredito.

Ginalva:

Já parou.

Se eles não quer que a favela volte, do jeito que já tem dois meses que eles já começaram a tirar o povo, já era pra tá fazendo alguma coisa nos locais, e até agora o que que eles fizeram? Eles tiraram aqueles entulhos, as madeiras maiores, mas fazer alguma coisa no local, não fizeram nada, tá tudo aí. Agora, eles querem que a gente tome conta, então se vier uma pessoa, dez, pra chegar aqui e falar assim “ah, eu vou fazer o meu barraco” que que eu vou fazer? Eu não posso fazer nada. Eles era que tinha que tomar uma providência e já fazendo alguma coisa, mas até agora não fizeram nada, dois meses já que os moradores saíram. Então...

Éder:

E eles constroem rápido?

Iixi... é do dia pra noite, nem do dia pra noite é. Se eles chegarem aí e já trouxerem as madeiras, na mesma noite eles montam um barraco, na mesma noite, então... vai depender deles...

E por que você acha que quem está aqui joga lixo no rio?

Amelina:

Ah, eu acho que é falta de consideração, falta de consideração, porque o caminhão de lixo passa aqui. Acontece que quando tá chovendo também ele não pode passar por aqui né, se passar aqui não sai mais. Então vai colocar lixeira na bera da rua quem tá lá embaixo não vai vim subir esse tanto pra colocar lá, né? Então, eu acho, não sei, que tem gente, que não é só os morador que vem jogar não. Tem os jardineiro que vem de lá não sei da onde que eu nem conheço nem nunca vi, chega com o caminhão, joga aí. Tem gente que já até jogou material de hospital, já jogou aqui, foi nós que cortou, que juntou foi eu e Bastião, nós cortamo pra não jogar. Tinha até agulha, tinha tudo aí. Então como tinha criança a gente teve que cortá. Eu falei eu não tenho vergonha de falar, porque aqui tem criança, não jogaram mais também, né? Então a gente vem lutando pra isso. E é coisa que eu vou falar pro'ceis, gente: quer limpar, vamo limpar, quer trabalhar, vamo trabalha, junto.

A maioria do lixo que vem aqui você acha que é da onde?

Ah, nem sei da onde vem, não. Eu sei que vem uns caminhão aí que aí quando volta não dá tempo nem da gente tirar a placa.

Ginalva:

Da cidade inteira

Ah, então não é só dos moradores?

Amelina:

Nããã, não é só os morador, nããã....de jeito nenhum...

Ginalva:

Não é só dos moradores. Não é só dos moradores. Os moradores eles catam o lixo, o lixo reciclável, então ele vai separar, aí ele joga. Mas tem como você viu ali, na hora que você foi tirar foto, você viu ali, foi tirar foto, quer dizer, os caminhão, os jardineiro, como ela tava falando, limpa os jardim particular, então aí eles enche a carroça, o caminhão ou o carro e vem, ou então enche de saco, então no lugar que eles encontram eles jogam. Então, quer dizer, é da cidade inteira, não é só dos moradores, os favelados eles levam a fama, mas não é isso não, porque não é só na beira do córrego. A consciência também desses moradores particular que tem seu jardim, que planta suas coisa, que pagam pro jardineiro limpar eles deviam também ter a consciência de falar pro jardineiro “olhe, não joga na beira do córrego”. Então eles vêm de lá de cima, e vem jogar aqui como você ali viu. Você viu folhas, galhos verdes que vem de lá de cima, como aqui, você viu ali, aquilo ali é de jardim, não é dos favelados só, não é daqui do povo, vem de lá do bairro particular, ele vem com caminhão e joga ali. E aí é o que acontece, agora é o que eu falei pra vocês. Já virou lixo. Você acha que daqui há 10 anos, 30 anos, vai continuar, só se tiver um governo de capacidade muito forte e que aquela equipe trabalhe mesmo com vontade pra fazer isso aí, porque se não, não vai, não vai, eu tenho certeza que se continuar desse jeito não vai pra frente, vai continuar a mesma coisa. Eu acho que, na minha opinião, vai ser assim, porque não tem jeito aí.

As pessoas que vêm do campo, você acha que elas têm consciência que não pode jogar lixo no rio?

Ginalva:

Olhe, muitos deles não, muitos deles não. Porque às vezes muitos deles moram na roça, ou mora num lugar que eles não sabem, não têm uma instrução, não têm uma conversa, não têm uma reunião, não têm uma participação, certo.? Agora depois que eles chegam aqui, eles deviam também pensar que lá quando eles não junta o lixo na beira da casa, porque lá no interior, na roça, quem não tem casa de alvenaria, tem aquelas casa de... de sapé e que é de barro, que é feito de... como é que fala?

Éder:

De cipó.

É, então quer dizer, eles em volta da casa eles deixam tudo limpinho, é como eu falei, eles junta, queima, ou então eles fazem aquele buraco e vai jogando o lixo ali dentro pra fazer esterco, tá entendendo? Só que quando ele chega aqui eles vão vê como é o negócio, ele vai, ele aí acompanha do mesmo jeito, aí ele já não faz como ele fazia lá, de limpar em volta da sua casinha, de deixar tudo limpinho. Então ele vê o outro vem, joga o lixo ali o outro joga ali, então eles vão fazendo a mesma coisa, certo? Então aí é o que acontece aqui em Campinas.

Porque Campinas antigamente era limpa, mas é o que eu falei, Campinas, isso eu não falei, mas vou falar agora, Campinas, quando eu cheguei aqui, Campinas era muito limpa porque a cidade era pequena, mas a cidade cresceu, então, cresceu aí não teve mais aquela limpeza, teve mais sujeira, certo? Porque, eu falo do lixo, e eu não só falo do lixo, eu vou falar uma coisa que dentro da cidade o governo tinha que acabar com aqueles mindingo, de dormir na

rua, porque eles ali, eles comem, eles bebem, eles dormem, eles fazem tudo ali. Às vezes quando a gente passa aquilo traz doença pra ... a ... a ... humanidade. Porque quando a gente passa por um lugar desse, onde eles dormem, de manhã, a gente não agüenta o mau-cheiro. Então o que é que tinha que acontecer? Tinha que lavar, porque cê vai ali num banco, aonde tem um lugarzinho que a pessoa pode dormir, você vai de manhã lá, você não agüenta o fedor. Então o que que acontece?

Mas você acha que tinha que fazer o que com eles?

Olha, eu acho, eu na minha opinião. Que o governo tinha que ter, tem a casa aí ... o ... o Caminho, que é pra recolher essas pessoas. Mas acontece assim, que eles só recolhem por dois, três dias, a pessoa. Eu acho que devia ter uma casa, um casarão, coberto e que aquelas pessoas, chegasse a noite, fosse dormir naquele local, não por dentro da cidade, fosse dormir lá. De manhã, levantou, pega o esguicho, aquela coisa grande, esguicha todo aquele local onde eles dormiram, desinfeta aquilo ali, só que dentro da cidade não tem. Dentro da cidade é um mau-cheiro danado, isso aí traz o quê? Isso aí traz doença pra população, porque não é fácil. Eu tinha essa opinião assim, agora...